

# “Venda Grande”

Comp. 2.1.10.1.80

Jolumá Britto

A facilidade com que certas pessoas comentam, sem conhecimento algum, fatos que se relacionam com a história da cidade, ocasiona injustiças contra aqueles que cuidam de nossas tradições. Há dias, comentou-se pela imprensa que o monumento tosco que se encontra em frente ao Campos dos Amarais, onde, em 7 de junho se feriu a Batalha da “Venda Grande” se encontra abandonado, o que é flagrante injustiça que se comete contra cidadãos como o sr. Honório Chiminzazzo, ex-vereador e que foi quem conseguiu o terreno necessário para a construção da Cidade Universitária do Estado, o que se atribuiu erroneamente ao sr. Zeferino Vaz.

Em princípios de 1980, fui procurado por aquele cavaleiro, dono daquele imóvel onde está a Santa Mônica, para que resolvesse para ele problema que o afligia; a remoção do monumento levantado em suas terras e que este jornal afirma estar ABANDONADO, como de fato acontece, pois se encontrava ele no meio de construções, que o escondiam aos olhos do público. É que, durante três anos ou mais, o sr. Chiminzazzo se dirigira inutilmente às autoridades municipais e militares, sem que conseguisse qualquer resposta aos seus ofícios nem autorização para fazê-lo, isto é, remover o monumento de onde se encontrava para outro local mais amplo, em frente ao antigo sítio da Lagoa, do sr. Teodoro Ferraz Leite, em 1830.

Atendendo ao sr. Chiminzazzo e sabendo que seria inútil continuar solicitando a atenção dos responsáveis para remover a pedra levantada em memória dos heróis de 42, entendi-me com o sr. General Luiz Felipe Wiedmann que fora, como presidente do Centro de Ciências autor daquela homenagem, resolvendo-se, então, transladar a pedra de onde estava para a Avenida Dario de Freitas Meireles com a construção de um pequeno jardim a

frente da pedra, o que foi feito. Mas, a molecada daquela zona reduziu-a a nada nos dias de hoje.

Assim foi que no último ano, em 24 de agosto realizou-se cerimônia naquela área, comparecendo todos os alunos do Grupo Escolar “31 de Março”, graças a aquiescência de sua diretora, militares, tendo a sua frente o exmo. sr. General Vasconcelos e sua Oficialidade. Na ocasião, em discurso solicitei aquela autoridade militar para que todos os anos a Academia Campineira de Letras e Artes pudesse realizar idêntica cerimônia no local, com o que aquiesceu o ilustre Comandante. O sr. Chiminzazzo possui um documento meu, em que me responsabilizei civil e criminalmente pela remoção do monumento de onde estava, para o local onde agora se encontra.

Informo que, de fato sou eu que detenho toda história de Campinas, a partir de 1701, tenho em meu arquivo papéis copiados a partir de 1797, do livro de atas da Câmara Municipal, já publiquei trinta e dois livros sobre a História da Cidade de Campinas; tenho mais cinco escritos e possuo documentos para mandar editar mais 40 livros pelo menos, e, se não o faço é porque não tenho dinheiro para isso, tudo isto sem se contar em meu arquivo todos os almanaques de Campinas, a partir de 1873 até 1914, além de outras publicações, que me conferem o direito de falar alto quando se trata do assunto, em qualquer terreno.

Aprecio imensamente a amizade do sr. Celso Maria de Melo Pupo mas, desde que o repórter o considerou, pelo material fornecido para sua reportagem que o ilustre senhor reúne ainda a qualidade de descendente de ancestrais que tomaram parte no Combate da “Venda Grande”, informo-o de que se ele sabe disso, foi por que leu em meu livro sobre a batalha.

Aliás do Povo 13-VIII-1981

Que dor de cotovels do Jolumá!